

# EXPRESSANDO CONTRAFACTUAIS: UMA ANÁLISE SINTÁTICO-DISCURSIVA

Nara Jaqueline Avelar Brito (UFRN)  
naraavelar@gmail.com

## Introdução

O presente trabalho visa apresentar resultados concernentes à análise das formas verbais mais recorrentes na estruturação sintática de construções contrafactuais expressas pela fórmula lógica ‘se p, então q’ com base em dados extraídos de reportagens televisivas veiculadas na televisão brasileira nas quatro regiões do país. Averiguamos como se dá a formação tanto da prótase quanto da apódose, atentando para as formas verbais alternantes presentes em ambas e a influência de uma sobre a(s) outra(s). Em um primeiro momento, buscamos esclarecer o que são as condicionais contrafactuais e, em seguida, fazemos uma análise quantitativa das ocorrências das formas presentes no condicionante e no condicionado através do cruzamento destas.

Nessa perspectiva, objetivamos discutir: i) quais as formas verbais mais recorrentes na estruturação de construções condicionais contrafactuais; ii) se há formas verbais que podem ser consideradas alternantes na expressão tanto do antecedente quanto do conseqüente em sentenças contrafactuais; e, por fim, iii) se as formas do condicionante influenciam na escolha verbal do condicionado contrafactual.

Realizamos nossa análise baseados nos princípios teórico-metodológicos advindos do Sociofuncionalismo (cf. TAVARES, 2003, 2011, 2013; GORSKI; TAVARES, 2013; entre outros) que, por sua vez, trabalha na interface entre os pressupostos do Funcionalismo linguístico (cf. GIVÓN, 2001; BYBEE, 2010; entre outros) e da Sociolinguística (cf. WEINRICH; LABOV; HERZOG, 1968; LABOV, 2008 [1972], 2001, 2010; entre outros).

É importante frisarmos que este trabalho está atrelado a uma pesquisa maior cujos resultados são apresentados na dissertação de mestrado intitulada “A expressão do condicionado contrafactual em construções ‘se p, então q’ no português brasileiro”. Tal dissertação foi defendida em fevereiro de 2014 e foi realizada junto ao Programa de Pós-Graduação em Estudos da Linguagem na Universidade Federal do Rio Grande do Norte.

## Condicionais contrafactuais – do que se trata

Antes de adentrarmos especificamente na análise das construções contrafactuais, é necessário que façamos uma rápida reflexão acerca do escopo da expressão do raciocínio condicional. Este é um campo de pesquisa em contínuo alargamento, tanto para os estudos da linguagem quanto para áreas afins como a filosofia e a psicologia. Nós, seres humanos, recorreremos às condicionais como forma de raciocínio prático ou teórico, ou seja, quando queremos expressar como as coisas devem ou deveriam se realizar e sob quais condições (cf. EDGINTON, 2011).

Buscando um esquema lógico para tal construção discursiva, recorre-se basicamente a uma fórmula muito cara aos estudos filosóficos: “se p, então q”. Assim, inseridas no grupo das orações subordinadas adverbiais, têm-se as orações condicionais,

sendo ‘se’ a conjunção condicional por excelência<sup>1</sup>, ‘p’ a representação do condicionante<sup>2</sup> e ‘q’ o condicionado<sup>3</sup>.

Observando o exemplo extraído do nosso *corpus* de pesquisa,

Conjunção	Condicionante (prótase)	Condicionado (apódose)
<i>Se</i>	(eu) <i>jogasse hoje</i>	<i>ganharia muito mais porque hoje no futebol os jogadores ganham muito bem, são muito bem remunerados.</i>

é possível notarmos que, ao expressarmos um pensamento condicional através de sentenças ‘se p, então q’, estamos, basicamente, apresentando desejos/vontades e levantando hipóteses que, atrelados ao grau de realidade, podem vir ou não a se realizar, pois a realização do evento codificado pela apódose dependerá diretamente da realização do evento codificado na prótase. Tendo isso em mente, fica mais claro compreendermos que

a ideia de condicionalidade se apoia basicamente em uma dada hipótese, razão pela qual o termo *período hipotético* é o que está presente, nos estudos clássicos, como designação genérica das construções condicionais (NEVES, 2000, p. 832).

A estruturação sintática das condicionais apresenta valores temporais distintos, assim como funções pragmático-discursivas bem específicas, tais como expressar a factualidade, a potencialidade e a contrafactualidade dos eventos.

Um raciocínio condicional é encarado como factual quando este possui valor temporal de presente e “dada a realização/a factualidade da **oração condicionante**, segue-se, necessariamente, a realização/a factualidade da oração condicionada” (NEVES, 2000, p. 832). No caso das potências (ou eventuais), espera-se que o enunciado comporte uma hipótese e/ou desejo que ainda não se realizou, mas que tenha possibilidade, ainda que remota, de se realizar. E o que difere esta última da noção de contrafactualidade é o fato de as contrafactuais carregarem consigo apenas desejos e reflexões sobre um evento que habita agora o plano da irrealidade, ou seja, sem a menor possibilidade de concretização.

Segundo autores como Neves (2000) e Bechara (2004), entre outros, a estruturação sintática mais recorrente, tanto de potenciais quanto de contrafactuais, é a composta pela conjunção *se* seguida do *pretérito imperfeito do subjuntivo* na prótase e do *futuro do pretérito* na apódose. Dada essa similaridade, para que os valores modais sejam extraídos, torna-se necessária uma análise discursiva que, aliada à sintática, poderá nos indicar a função exata, se potencial ou contrafactual, de uma dada sentença.

Podemos de antemão afirmar, pois, que tão importante quanto a estruturação da oração contrafactual é a análise do seu uso efetivo. Além disso, veremos a seguir que outras formas verbais podem reversar-se na estruturação sintática das contrafactuais, assegurando-lhes sempre um valor temporal de passado e remetendo o evento ao plano do impossível.

<sup>1</sup> Neves (2000) nos deixa claro que outras conjunções expressam a mesma relação básica entre duas orações, tais como *caso*, *que*, *desde que*, *contanto que*, *uma vez que*, entre outras.

<sup>2</sup> Também chamado de prótase, oração subordinada e antecedente.

<sup>3</sup> Também denominado apódose, oração principal, oração nuclear e consequente.

## **‘Se p, então q’ – um desafio e tanto!**

Mesmo sendo um fenômeno muito recorrente na língua falada, o uso de expressões contrafactuais é bastante difícil de ser registrado em gravações com fins de coleta de dados, como é o caso das entrevistas sociolinguísticas. Portanto, dada sua escassez em amostras de dados mais comumente utilizadas em pesquisas de língua falada, decidimos compor nosso *corpus* com construções contrafactuais advindas de reportagens televisivas veiculadas em todo o território nacional.

Dentro das 52 reportagens televisivas analisadas, localizamos 72 construções cuja função é a de expressar um raciocínio contrafactual. Chegamos a esse entendimento após exaustiva análise do contexto pragmático-discursivo no qual encontrava-se inserida cada sentença, pois, como dito anteriormente, pode haver coincidência estrutural entre potenciais e contrafactuais. Tais valores são bem específicos e remetem a funções discursivas diferentes, por isso, é necessária uma análise minuciosa que ultrapasse os limites da estrutura. Analisemos a seguinte construção extraída de nossa amostra:

*Se o botafogo vencesse, voltaria à liderança*

O primeiro sinal de condicionalidade está exposto pela fórmula lógica ‘se p’ (se o botafogo vencesse,), ‘q’ (voltaria à liderança). Então, se analisássemos a frase isolada do contexto teríamos uma condicional potencial/eventual que expressa o desejo/hipótese de uma pessoa em relação a uma possível vitória do time botafogo. Porém, nas análises sociofuncionalistas, parte-se sempre do uso para a gramática, pois acredita-se que é o uso que impulsiona a estrutura. Assim, ampliando nosso olhar ao contexto pragmático-discursivo de produção da construção citada, encontramos um evento encerrado no passado e sem a menor possibilidade de realização que habita agora no plano do impossível, transmitindo apenas uma reflexão por parte do falante, o que configura, portanto, uma condicional contrafactual:

*Pois é, se o Botafogo vencesse, voltaria à liderança, mas o Flamengo conseguiu um empate e no último lance do jogo no maracanã.*

As estruturas contrafactuais, portanto, expressam o ‘não-fato’, ou ainda, o fato de maneira contrária ao evento que ocorreu: *o Botafogo não venceu e não voltará à liderança*. Dessa forma, nas análises sociofuncionalistas, leva-se em consideração a soma de princípios advindos do funcionalismo, tal como a análise da língua do ponto de vista das funções desempenhadas pelas formas linguísticas em seus contextos de uso, com princípios advindos da sociolinguística, tal como a análise da língua em consonância com fatores linguísticos e extralinguísticos que regem seu uso (cf. TAVARES, 2003, 2011, 2013; GORSKI; TAVARES, 2013; entre outros).

Conforme o esperado, localizamos diversas formas verbais na estruturação sintática das construções contrafactuais. Em relação à conjunção, como dito, optamos por considerar apenas dados que contivessem a conjunção prototípica ‘se’, não apenas por esta ser a peça inicial das estruturas ‘se p, então q’, mas também por não termos ainda a certeza de que outras conjunções, tais como *caso, que, desde que, contanto que, uma vez que*, sejam capazes de expressar a mesma relação básica entre as orações subordinada e principal das condicionais contrafactuais. Assim, cabe aqui um futuro maior aprofundamento e alargamento da pesquisa.

Em relação a ‘p’, o que está canonicamente previsto é o uso do pretérito imperfeito do subjuntivo (IS) e do pretérito mais que perfeito do subjuntivo (Prét+qP) como indicadores do condicionante contrafactual, como mostram, respectivamente, os exemplos abaixo:

*E se **houvesse** um investimento maior na educação, no lazer, no esporte, então nós não teríamos essas crianças, esses adolescentes envolvidos com o crime.*

*É um esporte que se eu **tivesse descobrido** há mais tempo eu taria há mais tempo, eu fui descobrir há pouco tempo né, mas graças a Deus consegui muitas coisas, muitas vitórias.*

Após excluirmos as construções com elipse da prótase<sup>4</sup>, conseguimos observar, através de análise quantitativa, que a forma verbal IS é a mais utilizada pelos falantes, em situação de reportagem televisiva, para a expressão do condicionante contrafactual, como mostra a tabela a seguir:

<b>Prótase / Condicionante</b>	<b>Ocorrências</b>	<b>Porcentagem</b>
IS	42	71%
Pret+q P	16	27%
Presente	1	2%
Total	59	100%

Tabela 1: Forma verbal mais recorrente na prótase contrafactual

Com apenas uma ocorrência, o presente do indicativo não se mostrou relevante na nossa análise, mas é importante registrar que seu uso não é de todo improvável:

*Nesse momento tava 1 a 0 pro Brasil, se a gente sofre o gol de empate, com certeza as coisas se tornariam muito mais difíceis.*

O condicionado contrafactual (‘q’) tem seu valor canonicamente representado pela forma verbal futuro do pretérito (FP), podendo ser apresentado em sua forma simples, composta ou ainda na forma de perífrases, como no caso do verbo IR. Outra forma verbal que pode assumir o valor modal de futuro do pretérito é o pretérito imperfeito do indicativo (PI), uso esse que é previsto inclusive por gramáticas normativas (cf. por exemplo, Bechara (2004)).

Em nossa amostra, notamos uma maior ocorrência das formas verbais FP em relação às formas verbais em PI para o preenchimento do condicionado contrafactual, como pode ser conferido na tabela a seguir:

<b>Apódose / Condicionado</b>	<b>Ocorrências</b>	<b>Porcentagem</b>
FP	43	60%
PI	29	40%
Total	72	100%

Tabela 2: Forma verbal mais recorrente na apódose contrafactual

Para a análise da ordem de codificação das partes da sentença, nos baseamos em Neves (2000), que postula que a sequência das partes que integram uma oração

<sup>4</sup> No total de 13 ocorrências em nossa amostra.

condicional segue uma motivação icônica, apresentando-se primeiramente a condição e depois a consequência, ou seja, a oração subordinada e a oração principal, respectivamente. Diz-se, portanto, que a ordem canônica ‘se p, então q’ é icônica. Atestando esse pressuposto, das 72 construções localizadas em nossa amostra, 49 seguiram uma ordem icônica, estando distribuídas da seguinte maneira:

<b>Ordem Canônica</b>	<b>Ocorrências</b>	<b>Porcentagem</b>
SE + Imp. Subj.	32	65%
SE + Pret+qP	16	33%
SE + Pres. Ind.	1	2%
Total	49	100%

Tabela 3: Ordem das construções contrafactuais: formação da prótase.

Assim, nota-se que a forma verbal imperfeito do subjuntivo foi a mais recorrente na formação da oração subordinada quando da análise do fator ‘ordem canônica da sentença’, a que se segue o mais que perfeito do subjuntivo.

E a forma verbal da oração subordinada pode influenciar na escolha da forma verbal da oração principal no caso das orações que seguem a ordem icônica? Verificamos em nossos dados que as sentenças cujas prótases foram estruturadas com SE + Imp.Subj. apresentaram um equilíbrio perfeito em relação à escolha verbal da apódose, como pode ser observado na tabela abaixo e nos dois exemplos retirados de nosso *corpus*:

<b>SE + Imp. Subj. +</b>	<b>Ocorrências</b>	<b>Porcentagem</b>
FP	16	50%
PI	16	50%
Total	32	100%

Tabela 4: Relação da prótase com formas verbais da apódose

*“Repórter: Se fosse só isso, já valeria a pena. O Papa Francisco acabou de chegar”.*

*“Entrevistada: Se dinheiro trouxesse felicidade, René tava hoje aqui”*

No caso da formação da prótase com a forma verbal Pret+qP, os resultados indicam um possível favorecimento da ocorrência do futuro do pretérito na apódose:

<b>SE + Pret+qP+</b>	<b>Ocorrências</b>	<b>Porcentagem</b>
FP	11	69%
PI	5	31%
Total	16	100%

Tabela 5: Relação da prótase com formas verbais da apódose

*“Entrevistada: Será que se eu tivesse ido tudo mudaria na minha vida?”*

*“Entrevistado: se ele tivesse acertado, seriamuito bom pra ele”*

Em nossos dados, identificamos ainda 23 construções que não obedeceram à ordem canônica conforme analisada anteriormente, tanto por terem se estruturado de maneira inversa quanto devido à elipse de alguns de seus componentes:

*Ah, o som que vem de uma qued'água. Seria ótimo se não fosse esgoto. Bem vindos de volta ao rio do bairro das Quintas.*

*Cláudio era casado desde 79 com a atriz LF. Ele voltaria às telas no canal a cabo GNT na nova temporada da série 'Sessões de Terapia'.*

No primeiro exemplo, a ordem icônica 'se p, então q' não foi cumprida. O que se observa é uma inversão entre as orações. O segundo exemplo é um típico caso de elipse da prótase, em que a condição encontra-se subentendida pelo contexto: *Se Cláudio estivesse vivo, ele voltaria às telas.*

Analisando cada fator separadamente, localizamos 10 construções do tipo "então q se p" cujas prótases e apódoses tiveram como formas verbais mais recorrentes IS e FP, respectivamente:

<b>Prótase inversa</b>	<b>Ocorrências</b>	<b>Porcentagem</b>
IS	9	90%
+QPS	1	10%
Total	10	100%

Tabela 6: Prótase Inversa

<b>Apódose inversa</b>	<b>Ocorrências</b>	<b>Porcentagem</b>
FP	9	90%
PI	1	10%
Total	10	100%

Tabela 7: Apódose Inversa

A estruturação sintática das contrafactuais no que concerne ao fator elipse não nos deu margem para uma análise muito ampla devido ao fato de termos localizado em nossos dados apenas a elipse da prótase. Das 13 construções com essa característica, 9 apresentaram na apódose a forma verbal futuro do pretérito, enquanto apenas 4 recorreram ao pretérito imperfeito.

Observando, portanto, os resultados obtidos, é nítida a presença de formas alternantes tanto na prótase quanto na apódose contrafactuais. Como dito, a forma prototípica para a oração subordinada condicional contrafactual é *se + imperfeito do subjuntivo + futuro do pretérito*, porém, localizamos em nossos dados o pretérito mais que perfeito do subjuntivo em alternância na prótase, assim como o pretérito imperfeito do indicativo em alternância na apódose, ambas as formas com tais usos previstos por alguns compêndios gramaticais.

Em suma, de nossos dados, extraímos as seguintes possibilidades de estruturação das condicionais contrafactuais:

Se + IS + futuro do pretérito (simples, composto e perífrase com verbo IR)
Se + IS + pretérito imperfeito do indicativo (simples, composto e perífrase com verbo IR)
Se + pretérito mais que perfeito do subjuntivo + futuro do pretérito (simples e composto)
Se + presente + futuro do pretérito simples
Ø + Ø+ futuro do pretérito simples
Ø + Ø + pretérito imperfeito do indicativo simples
Futuro do pretérito (simples e composto) + se + imperfeito do subjuntivo

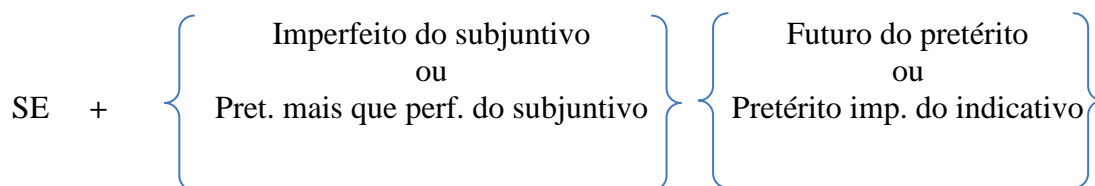
Futuro do pretérito composto + se + pretérito mais que perfeito do subjuntivo
Pretérito imperfeito do indicativo + se + imperfeito do subjuntivo
Pretérito imperfeito do indicativo + se + pretérito mais que perfeito do subjuntivo
Se + presente do indicativo + futuro do pretérito simples

Quadro 1: estruturação de sentenças contrafactuais

## Conclusão

Após a análise das 72 construções contrafactuais que compõem nossa amostra de dados, pudemos observar alguns pontos relevantes no que concerne à língua falada produzida no contexto discursivo de reportagem televisiva.

Averiguamos que, devido à coincidência em termos de estrutura sintática entre orações condicionais potenciais e contrafactuais, torna-se indispensável a análise do contexto discursivo-pragmático no qual encontra-se inserido a sentença. A partir daí, notamos que é possível que o falante recorra, basicamente, a duas formas verbais para a expressão do condicionante e a outras duas para a expressão do condicionado contrafactual<sup>5</sup>:



A forma verbal presente na prótase parece exercer influência na forma verbal presente na apódose apenas quando aquela é estruturada pelo +QPS, o que favorece o uso do futuro do pretérito no condicionado. Já as estruturas com IS não mostraram serem favorecedoras de nenhuma das formas alternantes em posição de apódose.

Em casos de ordem inversa e de elipse, as formas verbais prototípicas foram as mais recorrentes, tais como IS para o condicionante e FP para o condicionado. De acordo com nosso entendimento, tal resultado se deve ao fato do falante optar por formas que marquem de maneira mais imediata o valor condicional contrafactual. Mas, em todos os contextos, é necessário que a análise sintática parta da análise do contexto real de uso de cada sentença.

<sup>5</sup> Incluindo formas simples e compostas.

## Referências

- BECHARA, E. *Moderna gramática portuguesa*. 37<sup>a</sup> ed. Rio de Janeiro: Lucena, 2004.
- BRITO, N. J. A. *A Expressão do condicionado contrafactual em construções "se p, então q" no português brasileiro*. Natal: UFRN, 2014. Dissertação de Mestrado.
- EDGINTON, D. Un corso sui condizionali. Disponível em: [http://www.dissufdidattica.uniss.it/download/142/edgington\\_un\\_corso\\_sui\\_condizionali\\_it.pdf](http://www.dissufdidattica.uniss.it/download/142/edgington_un_corso_sui_condizionali_it.pdf) Acesso em: 15 jul.2014.
- NEVES, M. H. de M. *Gramática de usos do português*. São Paulo: Unesp, 2000.
- TAVARES, M.A. Sociofuncionalismo: um duplo olhar sobre a variação e a mudança linguística. *Interdisciplinar*, v. 17, Ed. Esp., Abralin/SE, Itabaina/SE, p. 27-47. 2013.
- \_\_\_\_\_; GÖRSKI, E. M. Bases teórico-metodológicas para uma interface sociofuncionalista. In: MARTINS, M. A.; ABRAÇADO, J.; TAVARES, M. A. (Eds.). *Panorama sociolinguístico do Brasil: teoria, descrição e análise*. (em preparação para publicação)